

SUICÍDIO

1. Desgosto da vida - Suicídio

943. Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?

“Efeito da ociosidade, da falta de fé, e também, da saciedade. Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

944. Tem o homem o direito de dispor da vida?

“Não; só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.”

a) Não é sempre voluntário o suicídio?

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

949. Será desculpável o suicídio, quando tenha por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família?

“O que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta. Demais, eliminai da vossa sociedade os abusos e os preconceitos e deixará de haver desses suicídios.”

Aquele que tira a si mesmo a vida, para fugir à vergonha de uma ação má, prova que dá mais apreço à estima dos homens do que à de Deus, visto que volta para a vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-las durante a vida corpórea. Deus, geralmente, é menos inexorável do que os homens. Perdoa aos que sinceramente se arrependem e atende à reparação. O suicida nada repara.

a) Os que hajam conduzido o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as conseqüências de tal proceder?

“Oh! Esses, ai deles! Responderão como por um assassinio.”

953. Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

“É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, mau grado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?”

a) Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes.

“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

b) Quais, nesse caso, as conseqüências de tal ato?

“Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.”

952. Comete suicídio o homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas?

“É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele então falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.”

954. Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?

“Não há culpabilidade, em não havendo intenção, ou consciência perfeita da prática do mal.”

955. Podem ser consideradas suicidas, e sofrem as conseqüências de um suicídio as mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos?

“Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, mais à força do que por vontade. Julgam cumprir um dever e esse não é o caráter do suicídio. Encontram desculpa na nulidade moral que as caracteriza, em a sua maioria, e na ignorância em que se acham. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com o advento da civilização.”

951. Não é, às vezes, meritório o sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes?

“Isso é sublime, conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver de bom grado, se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício e, não raro, quem o faz guarda um pensamento, que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício que o homem faça à custa da sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque resulta da prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem de seus semelhantes: cumpre um sacrifício. Mas, antes de o cumprir, deve refletir se sua vida não será mais útil do que sua morte.

957. Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as conseqüências do suicídio?

“Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma conseqüência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a conseqüência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude de sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165)

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é real este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver, feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de por termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – parte 4ª - cap. I

146. É fatal o instante da morte?

Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra.

Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo.

Essa a razão pela qual, tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.

O Consolador – Emmanuel

2. Entrevista com Chico Xavier

2.1. Causas dos suicídios

- O suicídio é conseqüência de fatores psicológicos em desagregação ou de influências espirituais em evolução?

“Todos sabemos: cada espírito é senhor do seu próprio mundo individual. Quando perpetrarmos a deserção voluntária dos nossos deveres, diante das leis que nos governam, decerto que imprimimos determinadas deformidades no corpo espiritual. Essas deformidades resultam das causas cármicas estabelecidas por nós mesmos, pelas quais sempre recebemos de volta os efeitos das próprias ações.

Cometido o suicídio nessa ou naquela circunstância, geramos lesões e problemas psicológicos na própria alma, dificuldades essas que seremos chamados a debelar na próxima existência, ou nas próximas existências, segundo as possibilidades ao nosso alcance.

Assim, formamos, com um suicídio, muitas tentações a suicídio no futuro, porque em nos reencarnando, carregamos conosco tendências e inclinações, como é óbvio, na recapitulação de nossas experiências na Terra.

Quando falamos “tentações” não nos referimos a esse tipo de tentações que acreditamos provir de entidades positivamente infelizes, cristalizadas na perseguição às criaturas humanas. Dizemos tentações oriundas de nossa própria natureza.

Sabemos que a tentação em si, na verdadeira acepção da palavra, nasce dentro de nós. Por isso mesmo poderíamos ilustrar semelhante argumento lembrando um prato de milho e um brilhante de alto preço: levado o brilhante de alto preço à percepção de um cavalo, por exemplo, é certo que o equino não demonstraria a menor reação; mas em apresentando a ele o prato de milho, fatalmente que ele reagirá, desejando absorver a merenda que lhe está sendo apresentada.

Noutro ponto de vista, um homem não se interessaria por um prato de milho, no entanto, se interessaria compreensivelmente pelo brilhante.

Justo lembrar que a tentação nasce dentro de nós.

Quando cometemos suicídio, plasmamos causas de sofrimento muito difíceis de serem definitivamente extirpadas. Por isso, muitas vezes, os irmãos suicidas são repetentes na prova da indução ao suicídio, descendo, desprevenidos, à consideração para consigo próprios.

Benfeitores da Vida Maior são unânimes em declarar que, em todas as ocasiões nas quais sejamos impulsionados a desertar das experiências a que Deus nos destinou na vida terrestre, devemos recorrer à oração, ao trabalho, aos métodos de autodefesa e a todos os meios possíveis da reta consciência, em auxílio de nossa fortaleza e tranqüilidade, de modo a fugirmos de semelhante poço de angústia.”

2.2. Os suicidas quando se reencarnam

- Parece que o suicídio é um ato de rompimento do plano de Deus, pelo qual se paga um preço. Assim, de que maneira e com que traumas se reencarnam as pessoas que se matam: a) por tiro no ouvido, b) por veneno, c) jogando-se embaixo de um carro, d) através de superexposição à radiação atômica?

“O suicídio está ligado ao senso de responsabilidade. Nosso Emmanuel sempre explica que nós somos culpados por aquilo que conhecemos como sendo uma atitude imprópria para nós. Porém, nós temos, ainda, povos, que adotam o suicídio como norma de comportamento heróico. Temos comunidades no mundo que consideram o suicídio sob este ponto de vista. Demonstam que não possuem um conhecimento tão exato sobre a responsabilidade de viver, produzir o bem, como nós os Cristãos fomos instruídos pelos evangelhos de Nosso Senhor. Então, vamos dizer que a escola de Jesus, preparando nosso espírito para a construção do mundo melhor, um mundo de amor e paz e não obstante os conflitos e guerras que temos sofrido, ou que estejamos sofrendo, nós então vemos que para nós o suicídio já adquire dimensões diferentes, porque nós somos chamados para valorizar a vida, a compreender o sofrimento como processo educativo e reeducativo de nossa personalidade. Então, o suicídio para nós, os cristãos, é algo de ingratidão para com os poderes supremos que regem os nossos destinos. O suicídio, para aqueles que conhecem a importância da vida, impõe um complexo culposo muito grande nas consciências. Então, nós os cristãos, que temos responsabilidades de viver e de compreender a vida, em suicidando, nós demandamos o além com a lesão das estruturas, do corpo físico. De forma que, se damos um tiro no crânio, conforme a região que o projétil atravessa, sofreremos no além as lesões conseqüentes. São os espíritos doentes, os espíritos enfermos que recebem carinho especial dos protetores espirituais.”

Chico continua, sobre os suicidas:

“Mas o problema está dentro de nós e, na hora de voltar à Terra, pedimos para assumir as dificuldades inerentes às nossas próprias culpas. Assim...”

- Se a bala atravessou o centro da fala, naturalmente vamos retomar o corpo físico em condições de mudez.
- Se atravessa o centro da visão, vamos renascer com processo de cegueira.
- Se nos precipitamos de alturas e aniquilamos o equilíbrio das nossas estruturas espirituais, vamos voltar com determinadas moléstias que afetam o nosso equilíbrio.
- Quando nos envenenamos, quando envenenamos as nossas vísceras, somos candidatos, quando voltamos à Terra, ao câncer nos primeiros dias de infância, ao problema de fluidos comburentes que criam desequilíbrio no campo celular. Muitas vezes encontramos numa criança recentemente nascida um processo canceroso que nós não sabemos justificar, senão pela reencarnação, porque o espírito traz consigo aquela angústia, aquele desequilíbrio que se instala dentro de si próprio.
- Pelo enforcamento, nós trazemos determinados problemas de coluna e caímos logo nos processos de paraplegia. Somos crianças ligadas, parafusadas ao leito durante determinado tempo, em luta de auto-corrigenda, de autopunição, de reestruturação de peças do nosso corpo espiritual.”

O A Terra e o Semeador – Chico Xavier/Emmanuel – págs. 130 e 136

154. Quais as primeiras impressões dos que desencarnam por suicídio?

“A primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que se não extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de sua decisão tocada de suprema rebeldia.

Suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias, a perfuração do cérebro pelo corpo estranho partido da arma usada no gesto supremo, o peso das rodas pesadas sob as quais se atiraram na ânsia de desertar da vida, a passagem das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido.

De todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia.”

O Consolador – Emmanuel

3. Em torno do suicídio

Guarda, pois, a existência como dom inefável, porque teu corpo é sempre instrumento divino, para que nele aprendas a crescer para a luz e a viver para o amor, ante a glória de Deus – Emmanuel

Suicídio...

Uma das mais terríveis palavras nos dicionários humanos...

Pronunciada, “afunda o chão sete palmos”, como diziam os mais antigos, ao se referirem às coisas mais sinistras da vida.

Só Deus dispõe do direito à vida, por intermédio de suas leis, lembram os Instrutores Espirituais, ao ser ventilado, na Codificação, o assunto.

Estudaremos o doloroso tema com a esperança de que seja ele um incentivo à vida, por mais difícil se nos afigure ela, partindo dos seguintes pontos:

- Causas freqüentes do suicídio.
- Quadro geral da situação dos desertores da vida, no plano espiritual.
- Conseqüências em futuras reencarnações.

Difícil seria abranger, no simples capítulo de um livro, problema tão angustioso e sombrio, que se tem agravado, ultimamente, nas comunidades terrestres, elevando as estatísticas mundiais.

Que poderá levar o homem a recorrer ao gesto extremo?

Eis a pergunta, inquietante, que a mente humana formula, em todos os continentes, em face da incidência de suicídios em milhares e milhares de lares do mundo – em lares humildes, em lares de mediana condição, em palácios suntuosos!...

Anotaríamos, em tese, as principais motivações, crendo, no entanto, que outros estudiosos do assunto possam aduzir novas razões, às quais acrescentaríamos, evidentemente, as por nós relacionadas:

- Falta de fé.
- Orgulho ferido.
- Esgotamento nervoso.

- Loucura.
- Tédio da vida.
- Moléstias consideradas incuráveis.
- Indução de terceiros, encarnados ou desencarnados.

Acreditamos, firmemente, que a falta de fé responde pela quase totalidade dos suicídios.

A fé é alimento espiritual que, fortalecendo a alma, põe-na em condições de suportar os embates da existência, de modo a superá-los convenientemente.

A fé é mãe extremosa da prece.

E quem ora com fé tem o entendimento aclarado e o coração fortalecido, eis que, segundo Emmanuel, quando a dor nos “entenebrece os horizontes da alma”, subtraindo-nos “a serenidade e a alegria, tudo parece escuridão envolvente e derrota irremediável”, induzindo-nos ao desânimo e insuflando-nos o desespero; todavia, **se acendemos no coração “leve flama da prece, fios imponderáveis de confiança”** ligam-nos o ser a Deus.

Analisando as demais causas, observamos que todas elas tiveram por germe, aqui e alhures, na Terra ou noutros mundos, nesta ou em encarnações pretéritas, a ausência da fé.

O orgulho ferido é, também, falta de fé, porque a fé conduz à humildade profunda, e esta é inimiga do orgulho.

É o seu melhor, o seu mais poderoso antídoto.

O orgulho ferido pode levar o homem a sérios desastres que se perpetuarão, durante séculos, em seu carma.

O esgotamento nervoso, que poderia ser evitado, no seu começo, se movimentados pudessem ter sido os recursos da “oração, filha da fé”, pode conduzir o ser humano, nessa altura já fortemente assediado por forças obsessoras, ao extremo gesto.

A loucura, por sua vez, responde por elevado número de deserções do mundo.

E o chamado “tédio da vida”?

Quantas cartas foram deixadas por suicidas referindo-se ao “cansaço da vida” e implicações correlatas?

Por quê? **Ausência de fé**, evidentemente da fé que reside e brota dos escaninhos mais sagrados e mais profundos da alma eterna.

Sim, há muita fé que existe, apenas, nos lábios.

A fé iluminada pela razão, que é a fé espírita, capaz de encarar o raciocínio “face a face, em todas as épocas da humanidade”, suporta e vence, resiste e transpõe os mais sérios obstáculos, inclusive os relacionados com uma existência dolorosa, sob o aspecto moral ou físico, fértil em aflitivos problemas.

Quem tem fé não deserta da vida, pois sabe que os recursos divinos, de socorro à humanidade são inesgotáveis.

Não esvaziam os mananciais da misericórdia de Deus!

Ante moléstia considerada incurável, procura o enfermo, algumas vezes, no suicídio, a solução do seu problema.

Infeliz engano, pois a ninguém é lícito conhecer até onde chegam os recursos curadores da Espiritualidade Superior, que é a representação da Magnanimidade Divina.

Quantas vezes amigos de Mais Alto intervêm, prodigiosamente, quando a Medicina, desalentada, já ensarilha as armas, por esgotamento dos próprios recursos?!...

Há outro tipo de suicídio, aquele que resulta da indução, sutil ou ostensiva, de terceiros, encarnados ou desencarnados, especial e mais numerosamente dos desencarnados, não sendo demais afirmar, por efeito de observação, que a quase totalidade dos auto-extermínios foi estimulada por entidades perversas,

inimigas ferrenhas do passado, que, ligando-se ao campo mental de quantos idealizam, em momento infeliz, o suicídio, corporificam-lhe, na hora adequada, a sinistra idéia.

Julgamos ter analisado, com razoável acervo de exemplos, as causas mais freqüentes do suicídio.

Estudemos, agora, o quadro geral da situação dos trãnsfugas da vida, após a morte.

A ilusão do suicida é de que, com a extinção do corpo, cessam problemas e dores, mas a palavra de André Luiz, revestida da melhor essência doutrinária, informa que sai ele do sofrimento, **para entrar na tortura...**

Relatos de antigos suicidas e obras especializadas, de origem mediúnica, falam-nos, inclusive, de vales sinistros, onde se congregam, em tétricas sociedades, os que sucumbiram no auto-extermínio.

Nessas regiões, indescritíveis na linguagem humana, os quadros são terríveis.

Visão constante das cenas do suicídio, seu e de outrem.

Recordação, aflitiva, dos familiares, do lar distante, dolorosamente perdidos na insânia.

Saudade da vida – vida que o próprio suicida não soube valorizar, por lhe haver faltado um pouco mais de confiança na ajuda de Deus, que tem sempre o momento adequado para chegar...

Outras vezes, solidão, trevas, pesadelos horrendos, com a sensação, da parte do infeliz, de que se encontra “num deserto, onde os gritos e gemidos têm ressonâncias tétricas”.

Os mais variados efeitos psicológicos e as mais diversas repercussões morais tornam a presença do suicida, no mundo espiritual, um autêntico inferno, onde estagiará não sabemos quanto tempo, tudo dependendo de uma série de fatores que não temos condições para aprofundar, eis que inerentes à própria Lei de Justiça.

Ataques de entidades cruéis.

Acusações e blasfêmias.

Sevícias e sinistras gargalhadas povoam a longa noite dos que não tiveram coragem para enfrentar o tédio, a calúnia, o desamor, a desventura...

Se pudessem os homens levantar uma nesga da Vida Espiritual e olhar, à distância, as cenas de torturante sofrimento a que são submetidos os suicidas, diminuiriam, por certo, as estatísticas, mesmo nos mais conturbados e infelizes continentes.

O Espiritismo, descortinando tais horizontes, dizendo aos homens que a vida é patrimônio de Deus, que lhes não cabe destruir, cumprirá na Terra sua augusta missão de acabar com os suicídios.

E agora, afinal, apreciemos as conseqüências com vistas às futuras existências.

Se a tortura do Espírito, após o suicídio, é horrível, seu retorno ao mundo terreno, pela reencarnação, far-se-á na base das mais duras penas.

Reencarnações frustradas, isto é, que se interromperão quando maior for o desejo de viver, o “anseio de vida” – vida que ele não teve fé suficiente para valorizar.

No capítulo das enfermidades impiedosas, preferível darmos a palavra a Emmanuel, que, em notável estudo, sintetizou todas as conseqüências:

“Os que se envenenaram, conforme os tóxicos de que se valeram, renascem trazendo as afecções valvulares, os achaques do aparelho digestivo, as doenças do sangue e as disfunções endócrnicas, tanto quanto outros males de etiologia obscura; os que incendiaram a própria carne amargam as agruras da ictiose ou pênfigo; os que se asfixiaram, seja no leito das águas ou nas correntes de gás, exibem processos mórbidos das vias respiratórias, como no caso do enfisema ou dos cistos pulmonares; os que se enforcaram carregam consigo os dolorosos distúrbios do sistema nervoso, como sejam as neoplasias diversas e a paralisia cerebral infantil; os que estilhaçaram o crânio ou deitaram a própria cabeça sob rodas destruidoras, experimentam desarmonias da mesma espécie, notadamente as que se relacionam com o cretinismo, e os que se atiraram de grande altura reaparecem portando os padecimentos da distrofia muscular progressiva ou da osteíte difusa.

Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas derivadas, que correspondem a diversas calamidades congênitas, inclusive a mutilação e o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, a representarem terapêutica providencial na cura da alma.”

O suicídio, longe de ser a porta da salvação, é o sombrio pórtico de inimagináveis torturas.

Que nenhum ser humano, em lendo estas considerações doutrinárias, homem ou mulher, consinta a permanência em sua mente, **um instante se quer**, da sinistra idéia de exterminar a própria vida, a fim de evitar que, sob o estímulo e a indução de adversários cruéis, venha a cometer a mais grave das infrações às leis divinas.

Este o apelo que o Espiritismo, por seus humildes expositores, faz descer sobre os corações sofredores.

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 214

3.1. O suicídio e a loucura

14. A calma e a resignação hauridas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a *loucura* e o *suicídio*. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam.

15. O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem. Ora, aquele que está certo de que só é desventurado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando nenhum termo divisa para os seus sofrimentos. E que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas, para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o acabrunham, unicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

16. a incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as idéias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a *covardia moral*. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou lêem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heróico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocular a idéia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral*.

17. O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Apresenta-nos os próprios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e nem eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazerem refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O

espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à idéia do suicídio: a *certeza de uma vida futura*, em que, *sabe-o* ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra: a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a conseqüência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável já é o número dos que têm sido, pelo Espiritismo, obstados de suicidar-se, podendo daí concluir-se que, quando todos os homens forem espíritos, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, forçoso será reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. V

3.2. Suicídio e eutanásia

953. Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

“É sempre culpado aquele que não aguarde o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, mau grado as aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec

Tão grande é a responsabilidade espiritual no suicídio, quanto na prática da eutanásia, ou morte suave, antecipada, conhecida na tradição popular por *chá da meia noite*.

O suicídio, ou auto-extermínio, constitui, sob o ponto de vista do Espiritismo, uma das mais sérias infrações às leis da vida.

Por ele, corta-se o fio da existência. É, assim, crime gravíssimo ante os códigos da Vida Imortal.

A eutanásia igualmente o é, seja por iniciativa de outrem ou do próprio indivíduo, seja através de processos violentos ou gradativos, pela ingestão de drogas letais, em doses continuadas.

Entendemos, portanto, no suicídio e na eutanásia, tragédias morais, uma vez que ferem, frontalmente, a Vontade Divina, alterando-lhe os desígnios.

O suicídio, antecipando, conscientemente, a morte, é, em alguns casos, um processo eutanásico.

A eutanásia, no entanto, executada à revelia da vítima, tem sentido de homicídio.

Nélson Hungria, grande penólogo brasileiro, em seus “Comentários ao Código Penal”, vol. V, arts. 131 a 136, oferece-nos valiosos subsídios contrários ao homicídio eutanásico, através de luminosos conceitos, de fundo essencialmente espírita.

Ouçamos o notável cultor das letras jurídicas: “Segundo um conceito generalizado, o homicídio eutanásico deve ser entendido como aquele que é praticado para abreviar piedosamente o irremediável sofrimento da vítima, e a pedido ou com o consentimento desta”, esclarecendo o eminente patricio que a tese de Binding e Hoche, autores alemães, “que patrocinavam a extensiva permissão da eutanásia, não teve ressonância alguma no direito positivo”.

E continua, inspirado: “O homem, ainda que irremediavelmente acuado pela dor ou minado por um mal físico, não é precisamente a rês estropiada, que o campeiro abate. Repugna à razão e à consciência que se possa confundir com a prática deliberada de um homicídio o nobre sentimento de solidariedade e abnegação que manda acudir os enfermos e desgraçados. Além disso, não se pode olvidar que o sofrimento é *um fator de elevação moral* (o destaque é nosso). Não nos arreecemos, nesta época de

retorno ao espiritualismo, de formular também o argumento religioso: eliminar o sofrimento com a morte é ato de estreito materialismo, é desconhecer que uma alma sobrevive ao perecimento do corpo e que **a dor é o crisol em que essa alma se purifica e se redime** para a sua *progressiva ascensão às claridades eternas.*” Ainda é nosso o destaque.

E, finalizando seus luminosos conceitos escreve o notável penólogo: “Mas, se devemos chorar sobre a dor alheia, quando sem cura e sem alívio, a lágrima de nossa compaixão e do nosso desespero, não podemos jamais interceptar uma existência humana na sua função finalística, que se projeta além das coisas terrenas.”

“A licença para a eutanásia deve ser repelida, principalmente, em nome do direito.” É ainda o consagrado Hungria.

Em face da Doutrina Espírita, é o homicídio eutanásico um desrespeito às leis divinas, no que toca a um dos seus mais sublimes aspectos: o direito à vida!

“O indivíduo que autoriza a própria morte não está, não pode estar na integridade do seu entendimento. O apego à vida é um sentimento tão forte, que o homem, no seu estado psíquico normal, prefere todas as dores e todos os calvários à mais suave das mortes.”

“Defender a eutanásia é, sem mais nem menos, fazer a apologia de um crime. Não desmoralizemos a civilização contemporânea com o preconício do homicídio. Uma existência humana, embora irremissivelmente empolgada pela dor e socialmente inútil, é sagrada. A vida de cada homem, até o seu último momento, é uma contribuição para a harmonia suprema do Universo e nenhum artifício humano, por isso mesmo, deve truncá-la. Não nos acumpliciemos com a Morte.”

Em que regiões pairava a mente de Néelson Hungria, quando insculpia tão luminosos conceitos, em desacordo com a jurisprudência de inúmeros países?

Fica a indagação...

Muita vez, em nome da piedade, com a boa intenção de abreviar ou suprimir sofrimentos do enfermo e de seus familiares e amigos, a eutanásia é praticada, o que lhe não tira a feição de assassinio.

Sem dúvida, boa é a intenção, porém o espírita, esclarecido, jamais a perfilhará, por entender, acima de tudo, que o sofrimento cristãmente suportado, até o final da existência corpórea, pode representar o término, o epílogo de provas necessárias à criatura, com vistas à Vida Maior.

À luz da Doutrina dos Espíritos, compreende que no instante derradeiro o socorro divino pode levantar o quase morto; restitui-lo à dinâmica da vida, graças aos infinitos recursos da Espiritualidade Superior.

Em nome do amor e da consolação, compreensíveis ante a intensidade do sofrimento, nas moléstias consideradas, sob o ponto de vista humano, incuráveis, não devemos subtrair do companheiro em processo redentor a oportunidade do resgate.

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 217

3.3. Eutanásia

Nas tramas da existência humana, razões tenebrosas, como a ambição e o temor, a perversidade e o materialismo, bem assim outras de natureza passional, têm expulsado de milhares de corpos Espíritos que neles deveriam permanecer mais longo tempo.

A tese de que “os enfermos incuráveis, de corpo ou de espírito, deveriam ser eliminados em nome da sociedade, para que esta se aliviasse de um peso morto”, enfeixando concepção materialista, por conseguinte repulsiva, é, na opinião de Néelson Hungria, o grande nome da Penologia brasileira, “o calculado sacrifício dos desgraçados em holocausto ao maior comodismo dos felizes”.

O materialismo, não admitindo a existência da alma, erigiu o falso conceito, egoísta, das chamadas “vidas inúteis”, eliminando-as, friamente, por considerá-las onerosas à sociedade.

Podem chover argumentos em favor da eutanásia, o que não impede, à luz redentora do Espiritismo, sejam os seus responsáveis assassinos que a Justiça do mundo nem sempre pune, mas que a de Deus registra, identificando-os na contabilidade divina, com vistas a dolorosos resgates, em amargas expiações no futuro, atenuadas, ou agravadas, pela lei, segundo as suas motivações.

A eutanásia, em suma, é sempre uma forma de homicídio, pelo qual os seus autores responderão no porvir, em grau compatível com as suas causas determinantes.

Quem pratica a eutanásia, por melhores sejam as intenções, inclusive piedosas, comete crime de lesa-natureza, à vista do instinto de conservação inerente às criaturas de Deus.

Os Espíritos foram muitos claros, ao responderem aos quesitos formulados por Allan Kardec nessa admirável obra que é “O Livro dos Espíritos”.

Emmanuel, o iluminado Mentor de Francisco Cândido Xavier, além do expressivo apontamento no pórtico deste capítulo, não deixa dúvidas, em nenhuma de suas mensagens, quanto à necessidade de que seja vivido o último instante dos seres encarnados: “Por isso mesmo nas próprias moléstias reconhecidamente obscuras para a diagnose terrestre, fulgem lições cujo termo é preciso esperar, a fim de que o homem lhes não perca a essência divina”.

Podemos avaliar a extensão da responsabilidade dos que executam a eutanásia, principalmente quando as razões se fundamentam no crime, no temor de revelações comprometedoras, em causas passionais, na perversidade e no atendimento a concepções oriundas de filosofias materialistas.

O espírita, na verdade, tem uma paisagem diferente, mais ampla, mais rica, para examinar o tema “eutanásia”, pois conhece ele as conseqüências, morais e psíquicas, que atingem a quantos, por este ou aquele motivo, exterminam, antes do tempo previsto pelas Leis Divinas, a vida física dos seus irmãos de jornada terrena.

Sabemos nós, os espíritas, que a renovação espiritual, conseqüente ao arrependimento, pode vir no último instante.

Temos ciência, resultante do entendimento doutrinário-evangélico, de que a interrupção, pela eutanásia, de provas necessárias ao Espírito reencarnado prejudica-o, substancialmente.

Vige, especialmente, uma conseqüência geradora de sofrimento, se a vítima não possui acentuado gabarito evolutivo: a demora na ruptura dos laços perispirituais que prendem a alma ao envoltório carnal, ocasionando problemas no pós-morte.

Justo, no entanto, alinhemos outros efeitos, não menos desagradáveis.

Reabilitações penosas, em reencarnações de sofrimento, para os responsáveis pela eutanásia.

Processos de perturbação e obsessão, nos lares, produzidos pela revolta daqueles que a eutanásia assassinou.

Flagrante desrespeito às Leis da Vida, que prevêm, para cada ser humano, determinada cota de vida corporal.

São conseqüências de ordem doutrinária, que o espírito não desconhece, porque facilmente dedutíveis de tudo quanto sobre o assunto disseram os Espíritos desde a primeira hora da Codificação de Luz, pronunciamentos que se complementam, em nossos dias, através de lúcidas mensagens de abnegados Mensageiros da Vida Superior, entre eles, de maneira especial, Emmanuel e André Luiz, graças à missionária mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Quando o enfermo abrevia, ele próprio, a desencarnação, quer promovendo-a ou consentindo que outrem o faça, demonstra “falta de resignação e de submissão à vontade do Criador”.

Allan Kardec, buscando aclarar o problema, indagou dos Benfeitores Sublimados: “Quais, nesse caso, as conseqüências de tal ato?”

E eles responderam: “uma expiação proporcionada, como sempre à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias”.

Emmanuel, além do primoroso conceito por nós colocado na abertura deste capítulo, realça a importância da continuidade da vida física, mesmo sob o guante dos maiores sofrimentos: “Quando te encontres diante de alguém que a morte parece nimbar de sombra, recorda que a vida prossegue, além da grande renovação...”

Lembra-nos, ainda, o bondoso Amigo Espiritual: “Não te creias autorizado a desferir o golpe supremo naqueles que a agonia emudece, a pretexto de consolação e amor, porque, muitas vezes por trás dos olhos baços e das mãos desfalecentes que parecem deitar o último adeus, apenas repontam avisos e advertências para que o erro seja sustado ou para que a senda se reajuste amanhã”.

Cuidar, quanto possível, de parentes e amigos que parecem se avizinhar da morte, na enfermidade misteriosa, é dever de todos nós que atendemos a existência física por divina concessão, para refazimento do destino, desta ou daquela maneira, inclusive na aflição da moléstia insidiosa, diante da qual os sacerdotes da medicina terrestre possam, eventualmente, ter cruzado os braços...

Recursos da cirurgia.

Providências clínicas.

Medicamentos e consolação.

Solidariedade e conforto.

Tranqüilidade e afeto, no silêncio caridoso...

Tudo isso são meios que o Pai concede e a misericórdia aconselha para que o irmão imobilizado no leito nos observe, reconfortado, a dedicação e o interesse, sem que permitamos pouse em nossa mente a trágica idéia de suprimir-lhe, com a eutanásia, o sagrado direito à vida.

A existência física é abençoado ensejo para a cura da alma, assegurando-nos, agora ou amanhã, a reabilitação e o crescimento para Deus, na compreensão e prática de suas Leis de Amor.

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 178

4. Depoimentos de suicidas

MESMO DESILUDIDOS, É PRECISO VIVER

NO HOSPITAL DE MARIA, NO PLANO ESPIRITUAL

Não existe olhar mais tristonho que o de remorsos, e por ali era só o que víamos. Aproximei-me de uma jovem que se havia atirado do alto de um edifício. Ela caminhava devagar; observando-a, pareceu-me estranha: era como se ela fosse de porcelana e houvesse trincado. Nas partes em que sofrera fratura no corpo físico, apresentava ainda dificuldade de movimentos.

Sorri. Meio envergonhada, retribuiu-me o sorriso, iniciando a conversação:

- És suicida?

- Não, não sou. Aqui me encontro em estudo.

Com triste expressão, falou:

- Deve ser muito bom vir até aqui na condição de estudante.

- Por que se suicidou?

- Fui abandonada pelo namorado e julguei que sem ele não suportaria viver.

- Irmã, há quanto tempo isso aconteceu?

- Há dez anos. O remorso me corrói o espírito. Muitas vezes me apalpo, procurando em mim algo que possa interromper a vida. Parece-me que desde aquele terrível dia jamais minha mente cessou de

trabalhar; é um desespero constante. Por mais que eu receba ajuda, sinto-me consciente a cada momento do meu gesto impensado. Como é mesmo o teu nome?

- Luiz Sérgio – falei, estendendo minha mão em sinal de sincera amizade.

- Luiz Sérgio, não sei porque não existe na Terra campanhas de esclarecimento sobre o suicídio. Fala-se tanto em aborto, em assassinato, em furto, mas ninguém se lembra de alertar sobre o pior dos crimes. Vamos até o jardim, sinto-me ainda muito cansada, lá saberás tudo.

Bem alojados sob um belo caramanchão florido, esperei pacientemente que ela iniciasse o relato:

- Tinha eu quinze anos quando conheci Alexandre. Foi amor à primeira vista: apaixonamo-nos, um pelo outro. Inebriante, entregamos-nos intimamente e, quando percebi, eu não era mais a querida namorada e sim a mulher da qual ele vinha se cansando. Fui ficando ciumenta, desesperada, insegura, e as minhas reclamações o cansavam cada vez mais. Um dia ameacei-o de contar tudo a meu pai. Olhando-me firmemente, redargüiu: “Não foste forte e cuca livre para assumir um caso? Então, tem agora dignidade pra compreender que tudo acabou. Foi belo enquanto durou”. Nem podes, Luiz, imaginar o que me aconteceu. Ele tinha razão: eu não estava preparada para uma entrega tão íntima. Qualquer mulher, quando chega a uma situação como essa, precisa estar despojada de preconceitos e eu sempre sonhara entrar de braços dados com meu pai em uma igreja florida e o meu príncipe me esperando no altar com o olhar de homem apaixonado.

- Então, por que você iniciou essa aventura?

- Paixão e falta de coragem para negar.

- Mas hoje, Lucy, as meninas estão indo nessa e, muitas casando-se apenas por casar. Nem sempre a orientação sobre liberdade é a correta e assim vários jovens estão se vendo presos em uma rede de remorsos. Mas e depois? Conte, minha irmã, eu a interrompi.

- Alexandre começou a me evitar. Bastava eu chegar onde ele estivesse, para que se retirasse. Um dia fui procurá-lo em sua casa e lá encontrei uma jovem de minha idade, que me foi apresentada como sua noiva. Abafei um grito em meu peito, tal a minha dor. Quando de lá saí, só desejava morrer. Chegando em casa, tomei a decisão e saltei, à procura da morte. Mas ela não existe e me vi estirada, toda moída, lá no asfalto. Perdi a noção do tempo; lembro-me apenas que uma velhinha sempre ficava ao meu lado, dando-me força através da prece: era minha avozinha. Muitas vezes desejei levantar, mas podes imaginar alguém todo quebrado? Assim era a minha realidade. Pensei demais, ate que um dia minha avó ajudou-me a me erguer e, com dificuldade, conseguimos dali sair, chegando até um centro espírita. Graças às preces aos suicidas, recebemos um cartão que nos permitia um tratamento na própria casa. O meu sofrimento só cessaria quando eu tivesse setenta e cinco anos, época em que estava programado o meu desencarne natural.

- Irmã, por que tudo isso? Temos presenciado suicidas já conscientes, que não padeceram tanto.

- Luiz, muitos aprenderam a desencarnar, e depois, cada caso é um caso.

- E daí, Lucy? Pode continuar...

- Sim, faz-me muito bem recordar, principalmente os tratamentos nos grupos especializados. Ah, isso é ótimo! Gostaria de relatar. Éramos levados até o grupo mediúnico, pois que internados nos encontrávamos naquele Centro. Quando entrávamos na sala, muitos sentiam o odor forte, nós, principalmente, éramos atormentados com o cheiro dos nossos próprios corpos putreficados e, muitas vezes, tínhamos a impressão de que os vermes nos corroíam. O grupo mediúnico que prestava auxílio era composto de pessoas muito equilibradas, já que nós nos perdêramos por fraqueza. Não podes imaginar o alívio que experimentava o espírito de um suicida ao contato com um médium amoroso. Quando o mentor nos aproximava do médium, era como se o nosso espírito adormecesse, anestesiado pelos fluidos bons do encarnado, afastando-se de nós aquela desagradável sensação que vínhamos experimentando desde o instante do ato impensado. Muitos choravam quando eram retirados de juntos do médium; era como se nos tirassem o oxigênio. Luiz Sérgio, existem tão poucos grupos que prestam ajuda aos suicidas! Para esses grupos, não são necessários médiuns de psicofonia, pois muitas vezes o suicida não deseja falar, almeja, apenas, deixar de sentir o desespero. Enganam-se aqueles que organizam grupo de auxílio ao suicidas, somente com o chamados médiuns de incorporação. Os encarregados devem aproveitar aqueles que são ótimos auxiliares do Cristo, mas ainda esquecidos na Doutrina – os médiuns doadores. Só o contato do

doente com um médium equilibrado já o beneficia. E ali, Luiz Sérgio, permaneci muitos meses, até que um dia fui trazida até aqui, onde já me sinto curada. Sei, entretanto, que levarei de volta, quando reencarnar, um corpo doente, porque eu mesma o destruí e só o meu coração regenerado poderá curar-me.

Esforçava-se para não chorar. Segurei a mão de Lucy e, com os olhos orvalhados de lágrimas, falei-lhe:

- Minha querida irmã, jamais a esquecerei; sempre que eu puder, virei revê-la. Você representa também para mim uma mão estendida. Mão esta que precisou ser marcada pela dor, para voltar à vida.

- Obrigada, Luiz Sérgio, fico contente por ter-te conhecido. És muito bacana; a tua alegria me fez lembrar o passado, quando eu sonhava em ser feliz.

- Sonhava não, Lucy, sonha, porque como diz Ocaj: "Não assassinemos as nossas realidades para não distanciarmos nossos sonhos".

Ela me fitou e pela primeira vez vi a esperança naqueles belos olhos azuis. Apertando bem forte sua mão, despedi-me. Caminhei, pensando: "Deus, como sois poderoso em tão bem nos compreender. Se hoje nada desejamos, amanhã, em busca de algo nos encontraremos e assim, Pai, ides compreendendo as nossas fraquezas e não nos ofertando por ofertar e sim, quando , quando já adultos, soubermos o que desejamos. Hoje, Senhor, peço-Vos por todos aqueles que vivem duras e cruéis realidades e estão em vias de deixar tudo para trás através do suicídio. Fortalecei, Senhor, os Seus protetores para que possam segurar bem firme essas almas em desespero".

Que estas linhas possam chegar às mãos de todos aqueles que desesperados se encontram e que eles saibam que deste lado do horizonte existe alguém que todos os dias pede a Deus muita paz e muito amor para todos os seus irmãos.

"Eu amo todos vocês, meus queridos amigos".

Mãos Estendidas – Luiz Sérgio – cap. V – pág. 29

SUICIDAS PELO SACRIFÍCIO - DOCTRINA ESPÍRITA: FAROL, ALICERCE, ASA NO HOSPITAL DE MARIA, NO PLANO ESPIRITUAL

Alice e eu caminhávamos em silêncio. A dor, sempre que a presenciamos, toca-nos bastante. E naquele pavilhão ela era bem viva. Enlacei a jovem amiga que me sorriu, perguntando:

- E agora, Luiz, aonde iremos?

- Vamos até Inácio e Dra. Alanda, eles é que irão determinar. Confesso que estou ficando cada vez mais curioso.

- Quem diria, hein, Luiz Sérgio, que existem tão variados casos de suicídio!

- Encontramos no "livro nos Espíritos" boas explicações, pena é que poucos procuram a verdade nessa obra tão completa. Encontramos na pergunta 957: "Quais são, em geral, as conseqüências do suicídio sobre o estado do Espírito? R: As conseqüências são muito diversas: não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o provocam. Mas uma conseqüência à qual o suicida não pode fugir é o desapontamento. De resto, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias. Alguns espíritos a falta imediatamente, outros em uma nova existência que será pior que aquela da qual interromperam o curso". Todas as respostas do livro dos Espíritos merecem ser lidas pelos estudiosos.

- Luiz, mesmo aqui, quantos casos já presenciamos, cada qual em situação bem diferente?

O Dr. Inácio nos sorriu quando chegamos.

- Como estão passando, irmãos? Satisfeitos com o aprendizado?

- Viemos agradecer ao amigo e nos colocar às ordens para novos estudos.

- Estávamos exatamente esperando por vocês. No pavilhão trinta há dois casos que merecem ser estudados. Se desejarem, podem dar uma chegadoinha até lá.

- Podemos ir agora mesmo ou necessitamos de autorização?

- Aguardem um pouco mais, Irany irá levá-los, ele conhece bem esse setor.

Sentamos-nos, eu e Alice, e confesso que nem posso narrar o tempo que ali passamos. Sei que devo ter dormido um pouco porque me senti reconfortado ao ser despertado pela voz de Inácio.

- Irmão Irany, desejo que leve os meninos ao pavilhão trinta.

Muito gentil, convidou-nos a acompanhá-lo, o que fizemos de bom grado. Lá chegando, recebemos um passe de reequilíbrio e só depois fomos introduzidos na câmara de tratamento, onde quatro corpos jaziam imóveis. Aproximei-me. Os irmãos gemiam bastante. Era como já estivessem cobertos de piche. O tratamento consistia em aplicar passes reconfortantes, mas mesmo assim eles não se acalmavam. Fiquei penalizado. Dos corpos escorria um limo preto, gelatinoso. Não resisti à curiosidade e perguntei:

- Como se suicidaram?

- Desejando chamar atenção para uma determinada situação, untaram o corpo com uma substância considerada por eles sagrada e depois se sacrificaram. Hoje lutam para se verem livres do martírio, mas por mais que se esforcem, concentram a mente no momento dramático do suicídio.

Presenciamos os médicos, através da força mental, adormecer-lhes a consciência que, atormentada pelo remorso, martirizava-lhes o corpo. Eles me pareciam fumegantes. Indaguei:

- Há quantos dias eles se encontram aqui?

Irany olhou-me curiosamente, talvez surpreso pela tola pergunta que eu fizera, mas respondeu:

- Dias, menino? Eles estão aqui há muito tempo. A moça há vinte anos; o rapaz há oito, o velho há trinta, o garoto há vinte e seis.

- Meu Deus, e eles sofrem há esse tempo todo?

- Sim, Luiz Sérgio, o sofrimento foi plasmado através da própria vontade.

- E por quanto tempo eles ainda ficarão aqui?

- Dependerá da vontade de cada um. Já acolhemos espíritos na mesma situação que só permaneceram aqui três anos; outros mais de trinta anos. No livro da Vida somos donos dos nossos escritos, e eles grafaram a palavra dor de uma maneira bem profunda.

Os enfermeiros aplicavam passes e faziam a lavagem perispiritual. Antes de deixar o local, fitei-os mais uma vez e estremei com aqueles gemidos de dor. Ao ganharmos o pátio, senti o calor do sol que beijava os nossos corpos e pedi ao Senhor perdão pelos nossos erros. Alice, com os olhos marejados de lágrimas, disse-me:

- Luiz, por que o homem não conhece a si próprio? Se todos se preocupassem com a vida, ela seria melhor aproveitada.

- É isso o que a Doutrina Espírita está tentando fazer, irmã, dar ao homem a chave da vida eterna. Mas a exemplo de tudo o que nos chama à realidade, relutamos em aceitá-la. A doutrina Espírita é o farol, o alicerce e a asa, porque nos clareia o caminho, firma os nossos passos e nos dá a liberdade. Aceitá-la é renunciar a nós mesmos.

- É isso aí. Um dia chegaremos lá.

-Assim espero.

Mãos Estendidas – Luiz Sérgio – cap. V – pág. 99

MEMÓRIAS DE UM SUICIDA

(SÍNTESE DE VÁRIOS CAPÍTULOS)

O VALE DOS SUICIDAS

Precisamente no mês de janeiro do ano da graça de 1891, fora eu surpreendido com meu aprisionamento em região do Mundo Invisível cujo desolador panorama era composto por vales profundos, a que as sombras presidiam: gargantas sinuosas e cavernas sinistras, no interior das quais uivavam, quais maltas de demônios enfurecidos, Espíritos que foram homens, dementados pela intensidade e estranheza, verdadeiramente inconcebíveis, dos sofrimentos que os martirizavam.

Quem ali temporariamente estaciona, como eu estacionei, são grandes vultos do crime! É a escória do mundo espiritual – falanges de suicidas que periodicamente para seus canais afluem levadas pelo turbilhão das desgraças em que se enredam, a se despojarem das forças vitais que se encontram, geralmente intactas, revestindo-lhes os envoltórios físicos-espirituais, por seqüências sacrílegas do suicídio, e providas, preferentemente, de Portugal, da Espanha, do Brasil e colônias portuguesas da África, infelizes carentes do auxílio confortativo da prece; aqueles, levianos e inconseqüentes, que, fartos da vida que não quiseram compreender, se aventuram ao Desconhecido, em procura do Olvido, pelos despenhadeiros da Morte!

Em geral aqueles que se arrojam ao suicídio, para sempre esperam livrar-se de dissabores julgados insuportáveis, de sofrimentos e problemas considerados insolúveis pela tibiez da vontade deseducada, que se acovarda em presença, muitas vezes, da vergonha do descrédito ou da desonra, dos remorsos deprimentes postos a enxovalharem a consciência, conseqüência de ações praticadas à revelia das leis do Bem e da Justiça.

Também eu assim pensei, muito apesar da aureola de idealista que minha vaidade acreditava glorificando-me a frente.

Enganei-me, porém; e lutas infinitamente mais vivas e mais ríspidas esperavam-me a dentro do túmulo a fim de me chicotearem a alma de descrente e revel, com merecida justiça.

As primeiras horas que se seguiram ao gesto brutal de que usei, para comigo mesmo, passaram-se sem que verdadeiramente eu pudesse dar acordo de mim. Meu Espírito, rudemente violentado, como que desmaiara, sofrendo ignóbil colapso. Os sentidos, as faculdades que traduzem o “eu” racional, paralisaram-se como se indescritível cataclismo houvesse desbaratado o mundo, prevalecendo, porém, acima dos destroços, a sensação forte do aniquilamento que sobre meu ser acabara de cair. Fora como se aquele estampido maldito, que até hoje ecoa sinistramente em minhas vibrações mentais - , sempre que, descerrando os véus da memória, como neste instante, revivo o passado execrável – tivesse dispersado uma a uma as moléculas que em meu ser constituíssem a Vida!

Odores fétidos e nauseabundos, todavia, revoltavam-me brutaemente o olfato. Dor aguda, violenta, enlouquecedora, arremeteu-se instantaneamente sobre meu corpo por inteiro, localizando-se particularmente no cérebro e iniciando-se no aparelho auditivo. Presa de convulsões indescritíveis de dor física, levei a destra ao ouvido direito: - o sangue corria do orifício causado pelo projétil da arma de fogo de que me servira para o suicídio e manchou-me as mãos, as vestes, o corpo... Eu nada enxergava, porém. Convém recordar que meu suicídio derivou-se da revolta por me encontrar cego, expiação que considerei superior às minhas forças, injusta punição da Natureza aos meus olhos necessitados de ver, para que me fosse dado obter, pelo trabalho, a subsistência honrada e altiva.

Sentia-me, pois, ainda cego; e, para cúmulo do meu estado de desorientação, encontrava-me ferido. Tão somente ferido e não morto! Porque a vida continua em mim como antes do suicídio!

Passei a reunir idéias, mau grado meu. Revi minha vida em retrospecto, até a infância, e sem mesmo omitir o drama do último ato, programação extra sob minha inteira responsabilidade. Sentindo-me vivo, averigüei, conseqüentemente, que o ferimento que em mim mesmo fizera tentando matar-me, fora insuficiente, aumentando assim os já tão grandes sofrimentos que desde longo tempo me vinham perseguindo a existência.

Quis furtar-me à presença de mim mesmo, procurando incidir no ato que me desgraçara, isto é - *reproduzi a cena patética do meu suicídio mentalmente, como se por uma segunda vez buscasse morrer a fim de desaparecer na região do que, na minha ignorância dos fatos de além-morte, eu supunha o eterno esquecimento!* Mas nada havia capaz de aplacar a malvada visão! Ela era, antes, verdadeira! Imagem perfeita da realidade que sobre o meu físico-espiritual se refletia, e por isso me acompanhava para onde quer que eu fosse, perseguia minhas retinas sem luz, invadia minhas faculdades anímicas imersas em choques e se impunha à minha cegueira de Espírito caído em pecado, suplicando-me sem remissão!

Um dia, profundo alquebramento sucedeu em meu ser a prolongada excitação. Fraqueza insólita conservou-me aquietado, como desfalecido. Eu e muitos outros cômpanes de minha falange estávamos extenuados, incapazes de resistirmos por mais tempo a tão desesperadora situação.

Até que, dentro da atmosfera densa e penumbrosa, surgiram os carros brancos, rompendo as trevas com poderosos holofotes.

O SOCORRO ESPIRITUAL

Estacionou o trem caravaneiro na praça lamacenta. Desceu um pelotão de lanceiros. Em seguida, damas e cavalheiros, que pareciam enfermeiros, e mais o chefe da expedição, o qual, como anteriormente esclarecemos, se particularizava por usar turbante e túnicas hindus.

Silenciosos e discretos iniciaram o reconhecimento daqueles que seriam socorridos. A mesma voz austera que se diria, como das vezes anteriores, vibrar no ar, fez, pacientemente, a chamada dos que deveriam ser recolhidos, os quais, ouvindo os próprios nomes, se apresentavam por si mesmos. Foi então que lhes conheci os nomes e eles o meu.

Comovido e pálido, pude, então, elevar o pensamento à Fonte Imortal do Bem Eterno, para humildemente agradecer a grande mercê que recebia!

NOTAS DA AUTORA

Após a morte, antes que o Espírito se oriente, gravitando para o verdadeiro “lar espiritual” que lhe cabe, será sempre necessário o estágio numa ante-câmara “, numa região cuja densidade e aflitivas configurações locais corresponderão aos estados vibratórios e mentais do recém-desencarnado. Aí se deterá até que seja naturalmente “desanimalizado”, isto é, que se desfaça dos fluídos e forças vitais de que são impregnados todos os corpos materiais. Por aí se verá que a estada será temporária nesse umbral do Além, conquanto geralmente penosa. Tais sejam o caráter, as ações praticadas, o gênero de vida, o gênero de morte que teve a entidade desencarnada – tais serão o tempo e a penúria no local descrito. Existem aqueles que aí apenas se demoram algumas horas. Outros levarão meses, anos consecutivos, voltando à reencarnação sem atingirem a Espiritualidade. Em se tratando de suicidas o caso assume proporções especiais, por dolorosas e complexas. Estes aí se demorarão, geralmente, o tempo que ainda lhes restava para conclusão do compromisso da existência que prematuramente cortaram. Trazendo carregamentos avantajados de forças vitais animalizadas, além das bagagens das paixões criminosas e desorganização mental, nervosa e vibratória completas, é fácil entrever qual será a situação desses infelizes para quem um só balsamo existe: - a prece das almas caritativas!

Se, por muito longo, esse estágio exorbite das medidas normais ao caso – a reencarnação imediata será a terapêutica indicada, embora acerba e dolorosa, o que será preferível a muitos anos em tão desgraçada situação, assim se completando, então, o tempo que faltava ao término da existência cortada.

* * *

Às impressões e sensações penosas, oriundas do corpo carnal, que acompanham o Espírito ainda materializado, chamaremos repercussões magnéticas, em virtude do magnetismo animal, existente em todos os seres vivos, e suas afinidades com o perispírito. Trata-se de fenômeno idêntico ao que faz a um homem que teve o braço ou a perna amputados sentir coceiras na palma da mão que já não existe com ele, ou na sola do pé, igualmente inexistente. Conhecemos em certo hospital um pobre operário que teve ambas as pernas amputadas senti-las tão vivamente consigo, assim como os pés, que, esquecido de que já não os possuía, procurou levantar-se, levando, porém, estrondosa queda e ferindo-se. Tais fenômenos são fáceis de observar.

Memórias de um Suicida – Yvonne A. Pereira – 1ª parte – O Vale dos Suicidas